

# História natural das plantas do Maranhão (Brasil) no século XIX segundo a obra do Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres

## Natural history of the plants of Maranhão (Brazil) in the 19<sup>th</sup> century according to the works of Friar Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres

Jairo Fernando Pereira Linhares<sup>I</sup>  | Maria Ivanilde de Araujo Rodrigues<sup>II</sup>  | Claudio Urbano Bittencourt Pinheiro<sup>III</sup> 

<sup>I</sup>Pesquisador independente. São Luís, Maranhão, Brasil

<sup>II</sup>Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, Maranhão, Brasil

<sup>III</sup>Universidade Federal do Maranhão. São Luís, Maranhão, Brasil

**Resumo:** O intercâmbio de plantas entre as colônias portuguesas ocorreu ao longo de todo um processo de expansão territorial desde o século XV. O objetivo geral deste artigo foi realizar pesquisa documental em "Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão", a fim de resgatar a história natural das plantas do Maranhão no século XIX, de modo a atualizar as informações de acordo com o conhecimento botânico atual, e, mais especificamente, conhecer as espécies, as procedências e os seus respectivos usos. Foram extraídos 174 etnômios, dos quais 88,51% (n = 154) foram identificados pelo menos em nível de família e 11,49% (n = 20) não tiveram suas identidades botânicas esclarecidas. Destes, 81% (n = 141) são constituídos por espécies nativas e 19% (n = 33), por exóticas. A alimentação humana obteve a maior citação de uso, 31% (n = 58). Os usos madeireiros e medicinais figuraram na sequência, com respectivos 22% (n = 41) e 15% (n = 28). No código de plantas, constam tanto espécies voltadas para o comércio, como cana-de-açúcar, algodão, tabaco e café, quanto espécies ligadas aos hábitos alimentares do colonizador português, além de grande número de espécies nativas. De maneira geral, a representação de plantas retrata o padrão de colonização.

**Palavras-chave:** História natural. Flora do Maranhão. Análise documental.

**Abstract:** The exchange of plants among the Portuguese colonies occurred throughout the process of Portuguese territorial expansion since the 15th century. The main goal of the present project was to carry out documentary research of the work "Poranduba maranhense: Historical relation of the province of Maranhão" and recover the natural history of plants of Maranhão in the 19th century, so as to update the information according to current botanical knowledge, and more specifically, to identify the species, provenances, and their uses. 174 ethnonyms were extracted, of which 88.51% (n = 154) were identified at least at the family level and 11.49% (n = 20) did not have their botanical identities clarified. Of these, 81% (n = 141) consisted of native species and 19% (n = 33) of exotic ones. Human food obtained the highest citation of use, 31% (n = 58). Wood and medicinal uses followed, with respective 22% (n = 41) and 15% (n = 28). In the codex of plants there are commercially important species such as: sugarcane, cotton, tobacco, coffee, as well as species linked to the Portuguese colonizer's eating habits, but also a large number of native species. In general, the representation of plants portrays the pattern of colonization.

**Keywords:** Natural history. Flora of Maranhão. Documentary analysis.

---

LINHARES, J. F. P., M. I. A. RODRIGUES & C. U. B. PINHEIRO, 2019. História natural das plantas do Maranhão (Brasil) no século XIX segundo a obra do Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais** 14(2): 209-221.

Autor para correspondência: Jairo Fernando Pereira Linhares. Pesquisador independente (jairoivini29@yahoo.com.br).

Recebido em 23/01/2018

Aprovado em 04/06/2019

Responsabilidade editorial: Fernando da Silva Carvalho Filho



## INTRODUÇÃO

O intercâmbio de plantas entre as colônias ao longo de todo o processo de expansão territorial português, desde o século XV, tornou comum o transplante de espécies, especialmente plantas com potencial de exploração agrícola através do cultivo extensivo (Pataca, 2016, p. 90).

Vale ressaltar que, além do cultivo de produtos direcionados ao comércio europeu, como a cana-de-açúcar, o algodão e o tabaco, os colonizadores portugueses trouxeram hábitos alimentares e, junto com eles, vieram também cultivos de legumes, frutas e verduras já aclimatados, como romãzeira, laranjas, bananas etc. (Gesteira, 2013, p. 34).

No Brasil, o intercâmbio de plantas está tão atrelado à história da colonização que é impossível afirmar a data de chegada de plantas vindas de outras regiões do mundo, muito embora se acredite que tenham vindo com as primeiras caravelas (Kury, 2013, p. 8).

Não obstante, durante o Brasil colônia do século XVII, o monopólio holandês sobre importantes regiões da Ásia que eram produtoras das chamadas 'drogas' (especiarias, tais como condimentos, plantas medicinais e aromáticas etc.), somadas à crise do mercado açucareiro e do tabaco, fez do Maranhão uma alternativa econômica para os portugueses explorarem a riqueza vegetal existente, aliando-se a isso as condições de solo e de clima, as quais eram favoráveis à aclimação de plantas vindas de diferentes partes do mundo (Cardoso, 2015, p. 118).

Em vista disso, o interesse pelas 'drogas' existentes no Maranhão fez parte de um processo de mudança nas possibilidades de geração de riquezas, iniciado em larga escala entre os séculos XV e XVI, com a implantação de experimentos portugueses que objetivavam a aclimação de plantas nas ilhas da Madeira, de Cabo Verde e de Açores (Cardoso, 2015, p. 119).

Por outro lado, existia o esforço em cultivar espécies nativas do Maranhão com propriedades semelhantes

às atribuídas às drogas vindas do oriente. Após 1670, espécies que eram simplesmente coletadas passaram a ser cultivadas, a exemplo do cacau (*Theobroma cacao* L. – Malvaceae), cultivado pelo jesuíta Bettendorff, em 1674 (Camargo, 2014, p. 122).

Outros registros sobre a historiografia das plantas no Maranhão durante o período colonial podem ser encontrados em fontes documentais, como a obra escrita no século XVII, intitulada "História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvisinhas", do missionário francês Frei Claude d'Abbeville (1874), escrita no período em que os franceses invadiram o Maranhão. Após a expulsão dos franceses pelos portugueses, foi enviado ao Maranhão o Frei Cristóvão de Lisboa para catequisar os índios, o qual, durante esse período, escreveu a obra intitulada "História dos animais e árvores do Maranhão" (Lisboa, 1967) (Ávila-Pires, 1992, p. 205).

No século XIX, Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres publicou a obra "Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão", escrita em 1819 e publicada em 1891, a qual traz uma descrição geral da província do Maranhão e do Pará, até a separação das duas províncias. E justifica a importância de sua obra: "Todos os que têm vivido no Maranhão sabem quão falta é esta província de memórias, e quão custa o alcançar n'ella quaisquer noticias certas" (Prazeres, 1891, p. 8).

No que se refere à importância da obra sobre a história natural do Maranhão, Fr. Francisco de S. José do Convento de São Francisco da Villa-Real, em parecer emitido sobre a referida obra, ressalta:

Em tudo que pertence á historia natural do paiz o autor descreve as couzas com a clareza e exactidão de uma testemunha de vista, pois é sabido que ele viveo muitos anos em muitos sítios, de que fala, onde mesmo delineou e compoz a sua obra (Prazeres, 1891, p. 5-6).

Contudo, apesar do conhecimento acerca da história natural do Maranhão conferido ao Frei Francisco de Nossa

Senhora dos Prazeres, a descrição das plantas e dos animais foi desprovida de termos técnicos, como o próprio autor esclarece: "No que pertence à história natural omito quasi sempre os termos technicos, e uso de similhanças, para que todos entendam" (Prazeres, 1891, p. 8).

Não obstante, o acesso e a análise das interpretações destas obras vêm propor novas argumentações, trazendo para o presente as evidências que contam sobre o emprego de espécies vegetais da flora nacional e exótica no território brasileiro (Medeiros, 2009, p. 42).

Portanto, a importância do presente artigo consiste no aumento do conhecimento sobre as espécies vegetais presentes no Maranhão no século XIX. O objetivo geral deste artigo foi, portanto, o de realizar pesquisa documental da obra "Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão" (Prazeres, 1891) e resgatar a história natural das plantas do Maranhão no século XIX, de modo a atualizar as informações de acordo com o conhecimento botânico atual e, mais especificamente, conhecer as espécies, as procedências e os seus respectivos usos.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para coleta dos dados, foi consultada a edição fac-símile da obra do Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, intitulada "Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão" (Prazeres, 1891). Esta se constituiu na fonte documental primária para elaboração do códice das plantas maranhenses no século XIX. Deste ponto em diante, neste artigo, passa a ser designada como referência direta (RD).

## IDENTIDADE E ORIGEM BOTÂNICA

Para dar início à identificação botânica, os etnônimos das plantas encontrados foram transcritos conforme achados na referência direta, mantendo-se a versão paleográfica como eram conhecidas as plantas na época (Medeiros, 2009, p. 60). Como parte dos etnônimos da referência direta teve origem na língua Tupi-Guarani, buscou-se

o esclarecimento das identidades botânicas por meio de consultas aos trabalhos de Miranda (1942), Barbosa (1951), Edelweiss (1969), Betts (1981) e Bueno (1982).

Complementarmente, foram buscadas informações sobre a identidade botânica através de consultas feitas a dicionários (Medeiros, 2009, p. 60) de língua portuguesa publicados no século XIX e no início do século XX, elaborados por Silva (1831a, 1831b) e Figueiredo (1911). Adicionalmente, foram realizadas consultas a "Chambers's encyclopedia, a dictionary of universal knowledge" (Chambers, 1895).

Contudo, o uso de etnônimos necessita de um esclarecimento. Se, por um lado, é uma ferramenta indispensável para caracterização das espécies, por outro, pode incidir em erros. O emprego dos etnônimos pode levar a dois fenômenos, a saber: homonímia (um mesmo nome popular para designar plantas de espécies diferentes) e sinonímia (vários nomes populares pelos quais se denominam uma única espécie) (Vásquez *et al.*, 2014, p. 467).

Outro recurso utilizado para auxiliar na identificação botânica foi a busca às descrições das plantas encontradas nas referências diretas. Como pode ser observado na descrição do jenipapeiro (*Genipa americana* L. – Rubiaceae) encontrada na obra e transcrita a seguir.

Genipapeiro, arvore de folha verde e escura, grossa e assimilhada ao castanheiro. O fruto xamado genipapo é da grandeza de maçan, de casca cinzenta e aspéra, polpa tirante a parda e no interior d'estas muitas pevides; é substancial, porém muito quente, especialmente as pevides. Esta arvore despede-se da folha; porém n'ella permanecem os frutos, e só principiam amadurecer, quando ella já esta vestida de nova folha, e já crescidos os genipapos, que tem que ficar para o anno futuro. O genipapo maxo não da fruto (Prazeres, 1891, p. 150-151).

Outra questão aventada para a elucidação da identidade botânica das espécies foi a extensão territorial inventariada, daí inferimos a possibilidade da existência de corruptelas. A partir disso, compararam-

se as características das plantas descritas na referência direta com as descrições contidas em manuais de identificação de plantas da atualidade (nomes e características morfológicas que guardem semelhanças) (Linhares et al., 2018, p. 16).

Algumas RD fazem menção à existência de 'castas' e, dependendo da associação feita na obra, podem levar à conotação da ocorrência de espécies semelhantes ou, ainda, à existência de variedade dentro da própria espécie (variedade no sentido botânico). Outra conotação existente é quando se trata de espécie domesticada; aí o termo 'casta' ganha a conotação de variedade, mas, neste caso, tomando o sentido agrônomo.

Sendo assim, para efeito da organização dos dados, foram colocadas as 'castas' entre parênteses, ao lado da respectiva referência direta, preservando-se a versão paleográfica; ou, ainda, quando foi explicitada apenas a quantidade de castas existentes, optou-se por fazer o registro, colocado ao lado da respectiva referência direta.

A nomenclatura botânica empregada foi atualizada com base no banco de dados do *Missouri Botanical Garden's VAScular Tropicos (VAST) Nomenclatural Database W3 Tropicos* (Missouri Botanical Garden, 2006), além do *The International Plant Names Index* (IPNI, s. d.), bem como em literatura especializada. Para abreviatura dos nomes dos autores das espécies, adotou-se Brumitt & Powell (1992).

A determinação da origem das plantas deu-se a partir de registros contidos nas próprias RD, pois muitas delas explicitam sua procedência, como pode ser observado no trecho da obra de Prazeres (1891, p. 159): "São-Caetano (africana) [...] Sendo transportada de Guiné, foi plantada junto a uma capela de S. Caetano, e d'elle tomou o nome". Outra forma utilizada foi feita por meio de pesquisa bibliográfica. As RD não identificadas botanicamente, mas com etnônimo de origem Tupi-Guarani, foram consideradas para efeito desse estudo como nativas, uma vez que as plantas exóticas foram

introduzidas pelos próprios colonizadores, sendo, portanto, supostamente conhecidas pelo autor.

## USOS

Em relação aos usos atribuídos às referências diretas, somente foram registrados aqueles escritos de forma clara, pois, segundo estudos realizados por Lévi-Strauss (1986, 1989), o aborígine define e classifica tudo aquilo que lhe tenha utilidade, ou então o que possa lhe causar danos. Porém, Berlin (1992) ampliou essa compreensão, quando, em seus estudos, observou forte tendência de classificação baseada em características que vão além da utilidade ou do dano.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### IDENTIDADE E ORIGEM BOTÂNICA

Foram extraídas 174 referências diretas contidas na obra de Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, das quais 88,51% (n = 154) foram identificados pelo menos no nível de família; do total, 11,49% (n = 20) das plantas ficaram indeterminados, em decorrência de insuficiências nas descrições contidas na fonte documental. Isso se justifica, em grande parte, pela própria explicação dada por Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, que optou por não usar termos técnicos, a fim de permitir melhor compreensão por parte dos leitores, lançando mão de analogias.

As famílias botânicas representadas com maior número de espécies foram: Fabaceae (n = 24); Malvaceae (n = 8); Euphorbiaceae (n = 7); Moraceae e Rubiaceae (n = 6); Anacardiaceae, Cucurbitaceae e Poaceae (n = 5).

Quanto à origem, 81% (n = 141) das referências diretas são constituídos por espécies nativas e 19% (n = 33), por espécies exóticas.

As identidades botânicas das RD, as sinonímias encontradas e as suas respectivas origens foram dispostas no Apêndice 1.

A quantidade de plantas exóticas introduzidas no Maranhão despertou a atenção de Frei Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres (1891, p. 141): "Muitas plantas medicinaes e varias arvores estrangeiras se têm naturalizado no paiz".

A observação feita pelo frei é corroborada pelas práticas adotadas pelo colonizador português. O fluxo de plantas entre as diversas regiões coloniais, bem como entre as capitânicas brasileiras, foi marca imprescindível para a criação de novas práticas culturais, expressas na culinária, no consumo dos vegetais, em todo o processo de ocupação territorial e na configuração geográfica do império (Pataca, 2016, p. 91).

Em vista disso, além de se observar plantas de origem extra Brasil, pode-se verificar plantas nativas do país, mas provenientes de outras regiões dele, como a jabuticabeira (*Myrciaria cauliflora* (Mart.) O. Berg – Myrtaceae) e a pitanga (*Eugenia uniflora* L. – Myrtaceae).

## USOS

Predominantemente, as plantas registradas na obra apresentaram alguma função utilitária, porém algumas delas possuíam mais de uma função, como pode ser exemplificado no seguinte trecho:

Carnaúba... tronco muito duro, o qual depois de brunido fica salpicado; e por isso d'elle se fazem lindos bastões. O fruto é negro e todos os viventes o comem. Só com esta planta se pôde fazer uma caza, sem outro ingrediente mais, que cipó (para atar em lugar de pregos) e barro; o tronco dá esteios, barrotes, e ripas; a folha serve para cobrir (como também para outros muitos uzos). Em quanto nova se faz do tronco mais tenro uma espécie de farinha em tempo de fome (Prazeres, 1891, p. 147).

Em vista disso, das 174 referências diretas existentes na obra, 189 apresentavam alguma indicação de uso. A alimentação humana obteve a maior citação, 31% (n = 58), com destaque para as plantas frutíferas. Os usos madeireiros e medicinais figuraram na sequência, com respectivos 22% (n = 41) e 15% (n = 28).

As referências diretas foram distribuídas em dezessete categorias de uso, como pode ser observado no Apêndice 2.

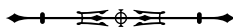
Por outro lado, algumas plantas, como açouta-cavalo, angelim, angelim-de-coco, araribá, árvore-do-pão, breo, cajurú, figueira, geribéba, não tiveram seus usos revelados por alguma razão. Contudo, algumas podem ter sido catalogadas por simples curiosidade, como pode ser visto no trecho:

Malícia das mulheres, erva espinhosa, de folha assimilhada à da lentilha, porém mais muida. Tanto que se lhe toca em algum ramo, logo os olhos d'este se murcham, e cada uma folha se encosta a sua oposta; mas passado algum espaço, recobra a planta o seo antigo estado. Desde o pôr até ao nascer do sol sucede em toda esta planta a mesma murchidão. Alguns autores xamam-lhe mimoza ou sensitiva (Prazeres, 1891, p. 153).

Outro aspecto a ser observado na obra é o emprego de sinónimas que, em alguns casos, resultou no tratamento de espécies distintas como se fosse uma única espécie, como pode ser observado no caso do cipó-de-cobra (*Cissampelos glaberrima* A. St. -Hil. – Menispermaceae) e da raiz-de-cobra (*Polygonum bistorta* L. – Polygonaceae) (Figuras 1A e 1B). O cipó-de-cobra é uma espécie nativa, enquanto que a raiz-de-cobra, de origem europeia, já era conhecida quanto ao seu emprego no tratamento contra picada de cobra (Chambers's, 1895). Chegando a terras brasileiras, o colonizador português deparou-se com outra planta, o cipó-de-cobra, a que os índios atribuíam a mesma propriedade; em razão disso, elas foram agrupadas como pertencendo a uma única espécie.

## CONCLUSÃO

No códice de plantas, constam tanto espécies voltadas ao comércio – como cana-de-açúcar, algodão, tabaco, café – quanto as ligadas aos hábitos alimentares do colonizador português, além de um grande número de espécies nativas. De maneira geral, a representação de plantas retrata o padrão de colonização.



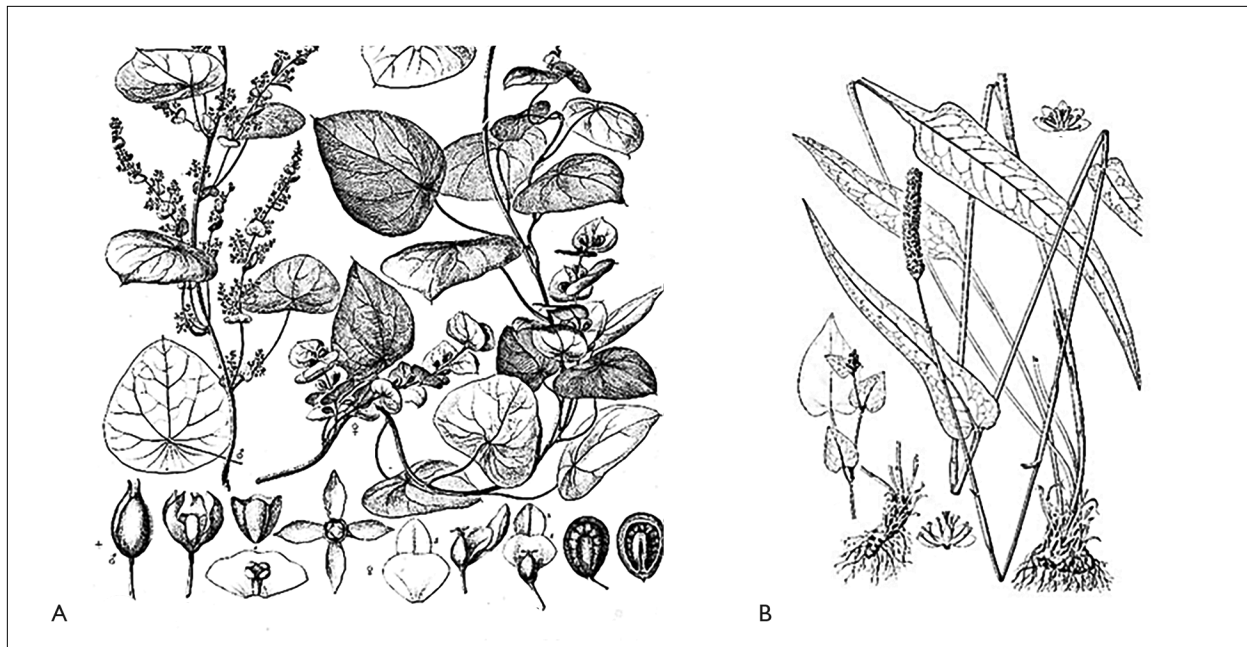


Figura 1. A) Cipó-de-cobra (*Cissampelos glaberrima* A. St. -Hill. – Menispermaceae); B) raiz-de-cobra (*Polygonum bistorta* L. – Polygonaceae). Fontes: Plantillustrations.org (s. d.) (A) e Missouri Botanical Garden (s. d.) (B).

## REFERÊNCIAS

- ÁVILA-PIRES, F. D., 1992. Mamíferos descritos na Poranduba maranhense de Frei Francisco dos Prazeres. **Revista Brasileira de Zoologia** 9(3-4): 203-213. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81751992000200006>.
- BARBOSA, L., 1951. **Pequeno vocabulário Tupi-Português**: 1-202. Livraria São José, Rio de Janeiro.
- BERLIN, B., 1992. **Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies**: 1-335. Princeton University Press, Princeton.
- BETTS, L. V., 1981. **Dicionário Paritintin**: 1-231. Sociedade Internacional de Linguística, Departamento de Programas Linguísticos, Cuiabá.
- BRUMITT, R. K. & C. E. POWELL (Ed.), 1992. **Authors of plant names: a list of authors of scientific names of plants, with recommended standard forms of their names, including abbreviations**. Royal Botanic Garden Kew, London.
- BUENO, F. S., 1982. **Vocabulário tupi-guarani português**: 1-672. Brasil Livros Editor e Distribuidor Ltda., São Paulo.
- CAMARGO, M. T. L. A., 2014. **As plantas medicinais e o sagrado: a etnofarmacobotânica em uma revisão historiográfica da medicina popular no Brasil**: 1. ed.: 1-280. Ícone, São Paulo.
- CARDOSO, A., 2015. Species in Portuguese Amazon region: vegetable retail and Atlantic trade in the end of the Spanish Monarchy. **Tempo** 21(37): 1-18. DOI: <https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2015v213701>.
- CHAMBERS, W., 1895. **Chambers's encyclopedia a dictionary of universal knowledge**: v. II: 1-828. Beaugency to cataract. William & Robert Chambers. Limited/J.B. Lippincott Company, London and Edinburgh/Philadelphia.
- D'ABBEVILLE, C., 1874. **História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão e suas circumvisinhaças**. Typ. do Frias, São Luiz.
- EDELWEISS, F. G., 1969. **Estudos Tupis e Tupis-Guaranis: confrontos e revisões**: 1-299. Livraria Brasileira Editora, Rio de Janeiro.
- FIGUEIREDO, C., 1911. **Novo dicionário da língua portuguesa**: v. I: 1-1010. Sociedade Editora Arthur Brandão, Lisboa.
- GESTEIRA, H. M., 2013. A América portuguesa e a circulação de plantas, séculos XVI-XVIII. In: L. KURY (Org.): **Usos e circulação de plantas no Brasil - séculos XVI-XIX**: 1. ed.: 1-324. Andrea Jakobson Estúdio Editorial Ltda., Rio de Janeiro.
- KURY, L., 2013. Apresentação. In: L. KURY (Org.): **Usos e circulação de plantas no Brasil - séculos XVI-XIX**: 1. ed.: 8. Andrea Jakobson Estúdio Editorial Ltda., Rio de Janeiro.

LÉVI-STRAUSS, C., 1986. O uso de plantas silvestres da América do Sul tropical. In: D. RIBEIRO (Ed.): **Suma etnológica brasileira: Etnobiologia**: v. 1: 27-46. Vozes/FINEP, Petrópolis.

LÉVI-STRAUSS, C., 1989. A ciência do concreto. In: C. LÉVI-STRAUSS. **O pensamento selvagem**: 15-49. Editora Papirus, Campinas, SP.

LINHARES, J. F. P., M. I. A. RODRIGUES, P. F. FREITAS & C. U. B. PINHEIRO, 2018. Etnobotânica histórica das plantas do Maranhão no século XVII baseada na obra de Cristóvão de Lisboa. **Biota Amazônia** 8(3): 15-18. DOI: <http://dx.doi.org/10.18561/2179-5746/biotaamazonia.v8n3p15-18>.

LISBOA, F. C., 1967. **História dos animais e árvores do Maranhão**: 1-448. Arquivo Histórico Ultramarino/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, Lisboa.

MEDEIROS, M. F. T., 2009. **Etnobotânica histórica**: princípios e procedimentos: 1-84. NUPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia (Série Estudos e Debates), Recife.

MIRANDA, V. C., 1942. Estudos sobre o Nhêengatú. In: R. GARCIA (Ed.): Exotismos franceses originários da Língua Tupi. **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro** 64: 129-175.

MISSOURI BOTANICAL GARDEN, 2006. Disponível em: <http://www1.biologie.uni-hamburg.de/b-online/ibc99/mobot>. Acesso em: 20 julho 2019.

MISSOURI BOTANICAL GARDEN, [s. d.]. **Tropicos.org**. Disponível em: <http://www.tropicos.org/Image/19782>. Acesso em: 20 julho 2019.

PATACA, E. M., 2016. Coleta, transporte e aclimação de plantas no Império Luso-Brasileiro (1777-1822). **Museologia & Interdisciplinaridade** 5(9): 88-108. DOI: <https://doi.org/10.26512/museologia.v5i9.17247>.

PLANTILLUSTRATIONS.ORG, [s. d.]. *Cissampelos glaberrima* A.St.-Hil. Disponível em: [http://www.plantillustrations.org/illustration.php?id\\_illustration=12756&SID=0&mobile=0&co\\_de\\_category\\_taxon=1&size=1](http://www.plantillustrations.org/illustration.php?id_illustration=12756&SID=0&mobile=0&co_de_category_taxon=1&size=1). Acesso em: 20 julho 2019.

PRAZERES, F. F. N. S., 1891. Poranduba maranhense: relação histórica da província do Maranhão. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** 54(pt. 1): [4]-277. Disponível em: [http://biblio.etnolinguistica.org/prazeress\\_1891\\_poranduba](http://biblio.etnolinguistica.org/prazeress_1891_poranduba). Acesso em: 14 outubro 2017.

SILVA, A. M., 1831a. **Dicionário da língua portuguesa**: Tomo I: A-E: 1-812. [S. n.], Lisboa.

SILVA, A. M., 1831b. **Dicionário da língua portuguesa**: Tomo II: F-Z: 1-906. [S. n.], Lisboa.

THE INTERNATIONAL PLANT NAMES INDEX (IPNI), [s. d.]. Disponível em: <http://www.ipni.org/ipni/plantnamesresearchpage>. Acesso em: 20 julho 2019.

VÁSQUEZ, S. P. F., M. S. MENDONÇA & S. N. NODA, 2014. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta Amazônica** 44(4): 457-472. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4392201400423>.

**Apêndice 1.** Referências diretas (RD) citadas na obra de Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres das plantas maranhenses no século XIX, com as respectivas famílias botânicas, nomes científicos e origem das plantas.

(Continua)

Nº	Família botânica	Nome científico	RD/castas	Origem
1	Amaranthaceae	<i>Amaranthus spinosus</i> L. 1753	Bredo	Nativa
2	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants 2002	Mastrús	Exótica
3	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L. 1753	Cajueiro (vermelho e amarelo)	Nativa
4	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L. 1753	Mangueira (duas castas)	Exótica
5	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão 1862	Aroeira	Nativa
6	Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L. 1753	Cajazeiras	Nativa
7	Anacardiaceae	<i>Tapiripa guianensis</i> Aubl. 1775	Tamanca	Nativa
8	Annonaceae	<i>Annona coriacea</i> Mart. 1841	Araticum	Nativa
9	Annonaceae	<i>Duguetia furfuracea</i> (A.St.-Hil.) Saff. 1914	Atéira	Nativa
10	Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L. 1753	Condeceira	Nativa
11	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes 1803	Mangabeira (mangabeira brava)	Nativa
12	Apocynaceae	<i>Parahancornia amapa</i> (Huber) Ducke 1922	Mapá	Nativa
13	Apocynaceae	<i>Aspidosperma nitidum</i> Benth. ex Müll. Arg. 1860	Pá de remo	Nativa
14	Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott 1832	Inhâme	Nativa
15	Arecaceae	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart. 1845	Mucajúba	Nativa
16	Arecaceae	<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart. 1824	Tucum (linho rijo)	Nativa
17	Arecaceae	<i>Bactris brongniartii</i> Mart. 1844	Marajá	Nativa
18	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L. 1753	Coqueiro	Exótica
19	Arecaceae	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore 1963	Camaúba	Nativa
20	Arecaceae	<i>Desmoncus anomalus</i> Bartlett 1935	Titara	Nativa
21	Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart. 1824	Juçara	Nativa
22	Arecaceae	<i>Mauritia flexuosa</i> L. f. 1781	Murutim	Nativa
23	Arecaceae	<i>Maximiliana maripa</i> (Aubl.) Drude 1881	Anajá	Nativa
24	Arecaceae	<i>Oenocarpus bacaba</i> Mart. 1823	Bacába	Nativa
25	Arecaceae	<i>Orbignya phalerata</i> Mart. 1884	Palmeira, pindobeira	Nativa
26	Arecaceae	<i>Syagrus cocoides</i> Mart. 1881	Iri	Nativa
27	Arecaceae	<i>Attalea maripa</i> (Aubl.) Mart.	Perinan	Nativa
28	Asteraceae	<i>Eremanthus</i> Less. 1829	Candeia	Nativa
29	Bignoniaceae	<i>Crescentia cujete</i> L. 1753	Cuieira	Nativa
30	Bignoniaceae	<i>Handroanthus</i> Mattos 1970	Cedro	Nativa
31	Bignoniaceae	<i>Tabebuia vellosi</i> Tol. 1952	Pá d'arco (existem quatro castas)	Nativa
32	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L. 1753	Urucú	Nativa
33	Bromeliaceae	<i>Ananas</i> Mill. 1754	Ananozeiro; ananá	Nativa
34	Bromeliaceae	<i>Neoglaziovia variegata</i> (Arruda) Mez 1923	Croatá	Nativa
35	Burseraceae	<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand 1873	Almécega, pá de breu	Nativa
36	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L. 1753	Mamoeiro (existem três castas)	Nativa

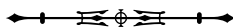




## Apêndice 1.

(Continua)

Nº	Família botânica	Nome científico	RD/castas	Origem
37	Cariocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess. 1825	Pequizeiro (existem duas castas)	Nativa
38	Cariocaraceae	<i>Caryocar villosum</i> (Aubl.) Pers. 1806	Pequirana	Nativa
39	Clusiaceae	<i>Platonia insignis</i> Mart. 1829	Bacurizeiro (branco, vermelho, amarelo)	Nativa
40	Combretaceae	<i>Terminalia brasiliensis</i> Spreng. 1825	Catinga de porco	Nativa
41	Combretaceae	<i>Laguncularia racemosa</i> (L.) C.F. Gaertn 1807	Mangue branco	Nativa
42	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam. 1793	Batata	Nativa
43	Chrysobalanaceae	<i>Chrysobalanus icaco</i> L. 1753	Cajurú	Nativa
44	Clusiaceae	<i>Symphonia globulifera</i> L. f. 1782	Guandí	Nativa
45	Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Matsum. & Nakai 1916	Melancia	Exótica
46	Cucurbitaceae	<i>Cucumis melo</i> L. 1753	Melão	Exótica
47	Cucurbitaceae	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn. 1878	Buxa de paulista	Nativa
48	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L. 1753	São-caetano	Exótica
49	Cucurbitaceae	<i>Sicana odorifera</i> (Vell.) Naudin 1862	Croá; melão de cabôclo	Nativa
50	Dioscoreaceae	<i>Dioscorea alata</i> L. 1753	Cará (duas variedades não especificadas)	Nativa
51	Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L. 1753	Sambahiba	Nativa
52	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia hirta</i> L. 1753	Capéva, erva de Santa Luzia	Nativa
53	Euphorbiaceae	<i>Croton cajucara</i> Benth. 1854	Sacáca	Nativa
54	Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill. 1864	Urucurâna	Nativa
55	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L. 1753	Pião; pinhão	Exótica
56	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz 1766	Mandioca, maniva; aipim; macaxeira	Nativa
57	Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L. 1753	Carrapateiro, mamona	Exótica
58	Euphorbiaceae	<i>Cnidioscolus adenochlamys</i> Fern. Casas 2004	Urtiga de rato	Nativa
59	Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan 1955	Angico, paricá	Nativa
60	Fabaceae	<i>Andira fraxinifolia</i> Benth. 1837	Angelim	Nativa
61	Fabaceae	Não identificada	Angelim de côco	Nativa
62	Fabaceae	<i>Arachys hypogea</i> L. 1753	Mandubi	Nativa
63	Fabaceae	Não identificada	Cotiúba	Nativa
64	Fabaceae	<i>Glycyrrhiza glabra</i> L. 1753	Alcaçús	Exótica
65	Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunt. 1823	Sucupira	Nativa
66	Fabaceae	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. ex Tul. 1844	Geruparibóra, páo-ferro	Nativa
67	Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth. 1893	Guandú	Exótica
68	Fabaceae	<i>Copaiva officinalis</i> Jacq. 1760	Copaúba, copahiba	Nativa
69	Fabaceae	<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth. 1860	Páo-santo	Nativa
70	Fabaceae	<i>Dipteryx odorata</i> (Aubl.) Forssyth f. 1794	Cumarú	Nativa
71	Fabaceae	<i>Hymenaea courbaril</i> L. 1753	Jatobá, jutahi (grande e mirim)	Nativa
72	Fabaceae	<i>Indigofera</i> L. 1753	Anil	Exótica



Apêndice 1.

(Continua)

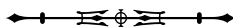
Nº	Família botânica	Nome científico	RD/castas	Origem
73	Fabaceae	<i>Inga</i> Mill 1754	Ingá	Nativa
74	Fabaceae	<i>Machaerium aculeatum</i> Raddi. 1820	Campéxe	Nativa
75	Fabaceae	<i>Phaseolus vulgaris</i> L. 1753	Feijão	Exótica
76	Fabaceae	<i>Mimosa pudica</i> L. 1753	Malícia das mulheres, mimoza; sensitiva	Nativa
77	Fabaceae	<i>Caesalpinia bracteosa</i> Tul. 1884	Páo de rato	Nativa
78	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L. 1753	Tamarindo	Exótica
79	Fabaceae Euphorbiaceae Asteraceae	<i>Tephrosia</i> Pers. 1807 <i>Euphorbia cotinifolia</i> L. 1753 <i>Clibadium</i> F. Allam. ex L. 1771	Timbó	Nativa
80	Fabaceae	<i>Peltogyne</i> Vogel 1837	Páo-rôxo	Nativa
81	Fabaceae	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart. 1837	Timbaúba	Nativa
82	Fabaceae	<i>Centrolobium tomentosum</i> Guill. ex Benth. 1840	Araribá	Nativa
83	Geraniaceae	<i>Geranium</i> L. 1753	Almiscar	Exótica
84	Hypericaceae	<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy 1821	Páo de envira	Nativa
85	Hypericaceae	<i>Vismia</i> Vand. 1788	Páo de lacre	Nativa
86	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill. 1768	Abacateiro	Exótica
87	Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i> L. 1753	Louro	Nativa
88	Lecythidaceae	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess. 1829	Sapucaia	Nativa
89	Lecythidaceae	<i>Lecythis</i> Loefl. 1758	Amejuba (branca e amarela)	Nativa
90	Lecythidaceae	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze 1898	Páo de estopa; táuari	Nativa
91	Lecythidaceae	<i>Lecythis</i> Loefl. 1758	Inhaúba (existem duas castas)	Nativa
92	Lecythidaceae	<i>Cariniana micrantha</i> Ducke 1930	Tauarí1	Nativa
93	Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L. 1753	Romeira	Exótica
94	Loranthaceae	<i>Struthanthus</i> Mart. 1830. <i>Phthirusa pyrifolia</i> (Kunth) Eichler 1868 <i>Psittacanthus</i> Mart. 1830	Erva de passarinho, temtém	Nativa
95	Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i> Rich. ex Kunth. 1821	Muruci	Nativa
96	Malvaceae	<i>Hibiscus sabdariffa</i> L. 1753	Vinagreira	Exótica
97	Malvaceae	<i>Luehea divaricata</i> Mart. 1826	Açouta-cavalo	Nativa
98	Malvaceae	<i>Ceiba pentandra</i> L. (Gaertn.) 1791	Barriguda, sumaúma	Nativa
99	Malvaceae	<i>Gossypium arboreum</i> L. 1753	Algodoeiro	Nativa
100	Malvaceae	<i>Sterculia chicha</i> A. St.-Hil. ex Turpin 1817	Axixá	Nativa
101	Malvaceae	<i>Theobroma cacao</i> L. 1753	Cacauzeiro	Nativa
102	Malvaceae	<i>Malva sylvestris</i> L. 1753	Malva (preta, branca, brava)	Nativa
103	Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench. 1794	Quiabeiro, kingobô (existe uma casta)	Exótica
104	Melastomataceae	<i>Mouriri</i> Aubl. 1775	Criurí	Nativa
105	Meliaceae	<i>Carapa guianensis</i> Aubl. 1775	Andirobeira	Nativa



## Apêndice 1.

(Continua)

Nº	Família botânica	Nome científico	RD/castas	Origem
106	Menispermaceae	<i>Tiliacora chrysobotrya</i> , Welw. ex Ficalho 1884	Bútua	Nativa
107	Moraceae	<i>Ficus</i> L. 1753	Gameleira	Nativa
108	Moraceae	<i>Ficus carica</i> L. 1753	Figueira	Exótica
109	Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam. 1789	Jaqueira	Exótica
110	Moraceae	<i>Bagassa guianensis</i> Aubl. 1775	Tatajuba (existem 4 castas)	Nativa
111	Moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam. 1786	Contraerva	Nativa
112	Moraceae	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg 1941	Arvore do pão	Exótica
113	Musaceae	<i>Musa</i> × <i>paradisica</i> L. 1753	Bananeira, pacoveira (curta, comprida, rabixa, tangerina).	Exótica
114	Myrtaceae	<i>Campomanesia xanthocarpa</i> Mart. ex O. Berg. 1857	Guabirabeira	Nativa
115	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L. 1753	Pitanga	Nativa
116	Myrtaceae	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O.Berg. 1856	Jaboticabeira	Nativa
117	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L. 1753	Goiabeira	Nativa
118	Myrtaceae	<i>Psidium kennedyanum</i> Morong. 1893	Araçá	Nativa
119	Myrtaceae	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston 1931	Jambeiro	Exótica
120	Myrtaceae	<i>Myrcianthes pungens</i> (O. Berg) D. Legrand 1968	Guabijú	Nativa
121	Opiliaceae	<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook. f. 1862	Gepió	Nativa
122	Orchidaceae	<i>Vanilla</i> Mill. 1754	Baunilha	Nativa
123	Passifloraceae	<i>Passiflora</i> L. 1753	Maracujá (mirim e assú)	Nativa
124	Poaceae	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad. ex J.C. Wendl. 1808	Taboca ou cana	Nativa
125	Poaceae	<i>Bambusa guadua</i> Bonpl. 1808	Tocoára	Nativa
126	Poaceae	<i>Oryza sativa</i> L. 1753	Arroz	Exótica
127	Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L. 1753	Cana d' assucar	Exótica
128	Poaceae	<i>Zea mays</i> L. 1753	Milho, milhoão	Exótica
129	Polygonaceae	<i>Polygonum punctatum</i> Elliot 1821	Erva de bixo	Nativa
130	Polygonaceae	<i>Polygonum bistorta</i> L. 1753	Raiz de cobra	Exótica
131	Polygonaceae	<i>Triplaris</i> Loefl. 1758	Taquipé	Nativa
132	Pontederiaceae	<i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Solms. 1883	Mururi	Nativa
133	Rhizophoraceae	<i>Rhizophora mangle</i> L. 1753	Mangue vermelho	Nativa
134	Rubiaceae	<i>Palicourea marcgravii</i> A. St.-Hil. 1824	Erva de rato	Nativa
135	Rubiaceae	<i>Cinchona</i> L. 1753	Quina	Nativa
136	Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L. 1753	Cafezeiro	Exótica
137	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L. 1753	Genipapeiro	Nativa
138	Rubiaceae	<i>Psychotria ipecacuanha</i> (Brot.) Standl. 1916	Ipecacuanha, pacacôna (escura, parda, branca).	Nativa
139	Rubiaceae	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook. f. ex K. Schum. 1889	Páo-mamaluco	Nativa
140	Rutaceae	<i>Citrus</i> × <i>aurantium</i> L. 1753	Limoeiro	Exótica



Apêndice 1.

(Conclusão)

Nº	Família botânica	Nome científico	RD/castas	Origem
141	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck. 1765	Laranjeira	Exótica
142	Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hill.) Radlk. 1878	Pitombeira	Nativa
143	Sapindaceae	<i>Sapindus saponaria</i> L. 1753	Saboneteiro	Nativa
144	Sapindaceae	<i>Paullinia cururu</i> L. 1753	Cururu	Nativa
145	Sapotaceae	<i>Manilkara huberi</i> (Ducke) A. Cheval. 1932	Maceranduba (mirim, assú)	Nativa
146	Sapotaceae	<i>Pouteria adolfi-friedericii</i> (Engl.) A. Meeuse 1960	Teturubazeiro	Nativa
147	Simaroubaceae	<i>Simarouba amara</i> Aubl. 1775	Paparaúba (existem duas castas)	Nativa
148	Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L. 1753	Pimentas (malagueta e várias outras castas)	Nativa
149	Solanaceae	<i>Nicotiana tabacum</i> L. 1753	Fumo, tabaco	Exótica
150	Talinaceae	<i>Talinum triangulare</i> (Jacq.) Willd. 1799	João-gomes	Nativa
151	Tiliaceae	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl. 1775	Pente de macaco	Nativa
152	Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L. 1753	Erva de xumbo	Nativa
153	Vitaceae	<i>Vitis vinifera</i> L. 1753	Parreira, videira	Exótica
154	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe 1807	Gengibre (branco e amarelo)	Exótica
155	Indeterminada	Não identificada	Bracutiára	Nativa
156	Indeterminada	Não identificada	Cararóuba	Nativa
157	Indeterminada	Não identificada	Cipó	Nativa
158	Indeterminada	Não identificada	Condurú	Nativa
159	Indeterminada	Não identificada	Geribéba	Nativa
160	Indeterminada	Não identificada	Gororóba	Nativa
161	Indeterminada	Não identificada	Gramo da terra	Nativa
162	Indeterminada	Não identificada	Guarapirarga	Nativa
163	Indeterminada	Não identificada	Imburagiá	Nativa
164	Indeterminada	Não identificada	Imburaité	Nativa
165	Indeterminada	Não identificada	Jacaré-catinga	Nativa
166	Indeterminada	Não identificada	Jaracatutiba	Nativa
167	Indeterminada	Não identificada	Juredá	Nativa
168	Indeterminada	Não identificada	Merim	Nativa
169	Indeterminada	Não identificada	Moconambi	Nativa
170	Indeterminada	Não identificada	Parúra	Nativa
171	Indeterminada	Não identificada	Pequipocúba	Nativa
172	Indeterminada	Não identificada	Sapupira	Nativa
173	Indeterminada	Não identificada	Sicantan	Nativa
174	Indeterminada	Não identificada	Violete	Nativa
Total			174 referências diretas	141 nativas 33 exóticas



**Apêndice 2.** Referências diretas/etnônios citados na obra de Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres acerca das plantas maranhenses no século XIX, com seus respectivos usos: 1 = alimentação humana; 2 = madeira; 3 = medicinal; 4 = utensílios; 5 = fibra; 6 = tóxica; 7 = corante; 8 = construção; 9 = óleo/azeite; 10 = bebida; 11 = saponáceas; 12 = fumo; 13 = lenha; 14 = incenso; 15 = ligante; 16 = cera; e 17 = aromática. Legendas: RD = referências diretas (grafias de acordo com análise histórica); Qtde = quantidade.

Nº	Uso	RD/Etnônimo	Qtde	%
1	Alimentação humana	Cajueiro; mangueira; cajazeiras; araticum; ateira; condeceira; mangabeira; inhame; carnaúba; juçara; anajá; bacába; pindobeira; ananozeiro; mamoeiro; pequizeiro; bacurizeiro; batata; melancia; melão; melão de caboclo; cará; mandioca, macaxeira; mandubi; guandú; jatobá; ingá; feijão; tamarindo; abacateiro; vinagreira; cacauzeiro; kiabeiro; criurí; jaqueira; bananeira; guabirabeira; pitanga; jaboticabeira; goiabeira; araçá; jambeiro; baunilha; maracujá; arroz; cana d'assucar; milho; genipapeiro; limoeiro; laranjeira; pitombeira; pimentas; joão-gomes; videira; jacaré-catinga; jaracatutiba; sapucaia	58	31
2	Madeira	Cajueiro; aroeira; tamanca; mapá; candeia; cedro; angico; páo d'arco; pequirana; bacurizeiro; guandi; cotiúba; sucupira; geruparibóra; páo-santo; timbaúba; louro; amejuba; axixá; tatajuba; guabijú; gepió; páo-mamaluco; maceranduba; bracutiára; cararóuba; condurú; gororóba; guarapirarga; imburagiá; juredá; merim; parúra; pequipocúba; sapupira; sicantan; cumaru; cururú; imburagiá; inhaúba; jatobá	41	22
3	Medicinal	Mastrús; mapá; urucú; almécega; mamoeiro; são-caetano; erva de Santa Luzia; carrapateiro; angico; alcaçús; copahiba; tamarindo; almiscar; sapucaia; erva de passarinho; andirobeira; bútua; gameleira; maracujá; erva de bixo; contraerva; raiz de cobra; cipó de cobra; quina; ipecacuanha; erva de xumbo; gengibre; ananozeiro.	28	15
4	Utensílios	Páo de remo; carnaúba; pindobeira; cuieira; buxa de paulista; sambahiba; sapucaia; sumaúma; taboca; tocoára; cipó; coqueiro; sapucaia.	13	7
5	Fibra	Croatá; coqueiro; páo de envira; sapucaia; kiabeiro; pente de macaco; ananozeiro; bananeira; tucum; tuari; algodoeiro	11	6
6	Tóxica	Mangabeira; sacáca; mandioca, macaxeira; urtiga de rato; páo de rato; timbó; erva de rato; moconambi.	9	5
7	Corante	Urucú; catinga de porco; anil; campéxe; gengibre; abacateiro	6	3
8	Construção	Carnaúba; murutim; pindobeira; mangue branco; mangue vermelho; paparaúba.	6	3
9	Óleo/Azeite	Urucurâna; carrapateiro; copahiba; andirobeira; anajá.	5	3
10	Bebida	Erva de bixo; cafezeiro; gramo da terra; coqueiro;	4	2
11	Saponáceas	São-caetano; saboneteiro;	2	1
12	Fumo	Fumo ou tabaco	1	0,5
13	Lenha	Candeia	1	0,5
14	Incenso	Merim	1	0,5
15	Ligante	Taquipé	1	0,5
16	Cera	Urucurâna	1	0,5
17	Aromática	Cumarú	1	0,5
Total			189	≅100

